









# Congresso Nacional Metalúrgico

# SECÇÃO NATURISTA

# A BATALHA NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

## CRÓNICAS DE CASTELO BRANCO

## Como na república se protegem menores

### O INDUSTRIAL BURGOS, VERDUGO-MÓR DA INFÂNCIA — UMA FÁBRICA DE ESCRAVISAR E MUTILAR CRIANÇAS — MAUS CAMARADAS

CASTELO BRANCO. 3.—A Beira é como uma rocha imensa onde os trabalhadores moutejam arrancando ao solo mil diversos produtos que a burguesia aversamente a burguesia arreca. Os burgueses dividiram entre si esta rocha colossal e cada um fez o seu feudo, ou empilha na sua fenomenal «burra» as notas em que os transformou.

Devido à enorme extensão da rocha, a produção agrícola e industrial é assaz variada. A burguesia, nesta rocha, tem por caracóis, executores e maçoas, a padralhada e umas dúzias de bujos vendidos como cães ao ouro burgues. Nestas ultramontanas terras da Beira, não são conhecidos ainda, ou pelo menos não se respeitam, as leis republicanas.

Aqui, a única lei que impera despotica e cruel, é a vontade burguesa. O burgues é o despota, o soba tigrino que não reconhece outra autoridade, outro poder que não seja o seu.

O trabalhador é quasi que o miserável servo da gleba dum feudalismo que existiu outrora de verdade, e que os povos na sua gradual ascensão para a perfectibilidade sepultaram na noite dos tempos.

E que o tempo todo tem transformado, e tudo continuará transformando, e assim, em breve a burguesia será esmagada pelo rodado do carrão do progresso.

Hoje, a força da burguesia é já um pouco aparente. Este lendário e medíocre castelo que deveria ter sido nos tempos da fantasia passada, pela sua unificação, um colosso de força e despotismo constitui hoje vários feudos.

Fragmentou-se com o tempo, e as sucessivas divisões, parecendo que não, foram enfraquecendo o poderio dos senhores.

Hoje os feudatários do Castelo são diversos, e entre os grandes feudatários ou «roceiros» industriais destaca-se a firma Burgos, com fábrica de cortiças.

Nesta fábrica exerce-se a mais vil, a mais abjecta, a mais odiosa e criminosa das explorações. Explora-se a infância; exploram-se as mulheres. Há crimes maiores, pode haver maior vergonha que aquela que explora a criança e a mãe?

De certo que não. O pessoal da fábrica deste gordocho Burgos, é quasi exclusivamente constituído por menores, afora algum pessoal maior. Trabalham ali crianças e 9 e 10 anos, arracadas criminosamente à luz da escola e enclausuradas na escuridão viciada da fábrica.

O soba, o roceiro Burgos prefere na sua fábrica crianças e mulheres; porque facilmente se deixam explorar, e porque crianças e mulheres não sabem fazer valer os seus direitos. Vem a propósito aqui, perguntar ao democrata e ao protector dos menores nas fábricas? Sois também comparsas nesta comédia de exploração, e o capitalismo vem exercendo sobre os trabalhadores, sobre os pobres.

Mas, como vinhamos dizendo, na fábrica Burgos emprega-se uma infinidade de crianças, a quem destinam trabalhos que só por homens deviam ser feitos.

Como resultado deste crime, que os filantropos republicanos ainda não osaram castigar, não é raro verem-se crianças mutiladas pelas máquinas.

Nesta fábrica também o horário das 8 horas de trabalho é desrespeitado. Se Burgos tem muito serviço, os seus escravos tem de trabalhar até às 23 e 24 horas. Se o serviço é pouco, o que é raro, põe os escravos a trabalhar 5 ou 6 horas, com a respectiva diferença para mais ou menos, já se vê. Nesta fábrica a vontade Burgos representa todas as leis.

Já vamos falando de mais no nome Burgos, quando é certo que Burgos não gosta de ver nome nos jornais.

maçã. Sucede que as camaradas frageiros num gesto admirável se protestaram, a não transportar carga de referido industrial enquanto este não atendesse os seus operários. Em face de incondicional apoio destes tam valerosos camaradas, indicado estava, que os operários quadros da firma Adelino Rocha, prosseguissem nas suas reclamações, indo até à greve se as circunstâncias assim o determinassem.

Mau grado nosso, os camaradas quadros alhearam-se por completo da sua reclamação, recolhendo-se a um mutismo que nos chega a parecer que estão satisfeitos com a situação de explorados.

Tem o industrial Adelino Rocha tido o cuidado de manter na sua fábrica meia dúzia de indivíduos prontos a atirarem os seus camaradas de trabalho como por várias vezes o tem demonstrado.

Da forma que os chamados comitentes chegam a pactuar com os amarelos, revelando uma grande covardia moral.

É tempo de saírem desses marasmos em que se encontram correndo com quem os aliação, e dando ao vosso verdugo uma lição mestra. — C.

### Homenagem fúnebre

No Grémio de Instrução Liberal de Campo de Ourique, rua da Arrábida, 106, realizou-se hoje, pelas 14 horas, uma sessão fúnebre de homenagem ao seu desditoso condeito Francisco Ribeiro de Sousa, inaugurando-se o seu retrato.

## CININA

TINTA DE ÁGUA

FABRICA DA COMPANHIA INDUSTRIAL DO NORTE

Agente de venda:

Dias & Pinto Lopes, L.<sup>da</sup>

75, R. Passos Manuel - Porto

A venda em Lisboa:

João Nunes dos Santos

R. do Mundo, 106

## Não se esqueçam

De que em todo o país só os fabricantes

Donas, da Covilhã

Vendem, directamente ao público, todas as qualidades de fazendas de lá para

Fatos e vestidos

em todos os padrões e cores por preços baratíssimos ao alcance de todas as bolsas.

Depósitos de vendas a retalho:

EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.<sup>o</sup>

NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 392-A

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer, assim como rodadas, de 2 e 3 peças, tam

pões. Vendem-se no Largo do

Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco

Pereira Lata, (E) a casa que

necesse em melhores condições.

Dúzia 60 centavos

(quando com as imitações)

Venda aos centos e aos mil

heiras, assim como isqueiros, r

das, tubos, pilos e tambores, a

melhores preços para revenda.

Pedidos a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

## RESPOSTA DA FEDERAÇÃO METALÚRGICA À CIRCULAR SOBRE A CONFERENCIA DE SECRETARIOS GERAIS DIMANADA DA SECÇÃO DE FEDERAÇÕES DA C. G. T.

Como o Congresso Nacional Metalúrgico se realiza primeiro do que a Conferência Federal dos secretários gerais, a Federação Metalúrgica entendeu levar ao conhecimento do Congresso o trabalho que será presente à Conferência, que se efectua no próximo dia 27 e que hoje começamos a publicar:

Presados camaradas: — Gostosamente e interessadamente a Comissão de Inquérito e Estudo Económico e Profissional da Federação Metalúrgica em Portugal, vem expor, por intermédio do Secretário Geral da Federação, para ser apreciada na Conferência promovida pela Secção de Federações qual a sua opinião e pontos de vista, sobre a doutrina contida na circular de 23 de Fevereiro de 1924, a qual, representando um inquérito que se pretende fazer situação das respectivas indústrias; muito embora ainda incompleto representa, ainda assim, um valioso estudo e um trabalho de grande alcance económico que muito honrará a C. G. T.

Feitas estas breves considerações, declaramos que muito de surpresa foi a Federação incluída a responder ao referido questionário e, pela parte que lhe diz respeito, vai ela responder consoante os conhecimentos que tem e apresentar as suas opiniões sobre tam transcendental assunto de que trata a referida circular.

1.ª — Quais as localidades do País, onde existem operários da nossa indústria e quantidade?

Resposta — Em Lisboa, 15.000; Porto, 12.000; Coimbra, 600; Braga, 500; Guimarães, 400; Viana do Castelo, 200; Abrantes, 400; Tomar, 200; Santarém, 200; Figueira da Foz, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Leiria, Caldas, Peniche e Bombarral, 500; Setúbal, 200; Portalegre, 100; Covilhã, 120; Castelo Branco, 80; Vizeu e arredores, 200; Évora, 200; Beja, 200; Aljustrel, 150; Olhão, 400; Faro, 100; Portimão, 300; Lagos, 200; Vila Real de Santo António, 100. Soma, 32.550.

Nas ilhas do arquipélago dos Açores, especialmente no Funchal e Madeira, temos por informação que nestes últimos tempos se tem desenvolvido a indústria metalúrgica e não nos excederem os 10.000.

Há ainda a acrescentar o número de operários metalúrgicos que estão espalhados pelas fábricas Orientais e Ocidentais, como seja em Louanda, Benguela, Lobito, Lourenço Marques, Mossamedes, etc., etc., que se poderia computar, sem exagero, em 5.000 operários.

Pelo que os nossos cálculos dão para a nossa Estatística um número de 38.750 metalúrgicos profissionais em todo o País.

2.ª — Quais as localidades ou regiões onde predomina a nossa indústria?

R. — Em Lisboa e Porto, onde as exigências da indústria mais tem contribuído para o seu desenvolvimento, por consequência é nestas cidades que a indústria mais se tem imposto à concorrência comercial.

3.ª — O que se entende sobre capacidade industrial?

R. — A nossa capacidade industrial é muito exigua. Apesar de se terem criado algumas novas indústrias e outras se terem desenvolvido pelo país, o que tem dado origem à montagem de novas fábricas, e consequentemente a um tanto ou quanto desenvolvimento da nossa indústria, esse desenvolvimento tem sido tam lento que fica muito aquém das necessidades do desenvolvimento das indústrias cujas montagens dependem da Metalurgia.

Por outro lado, a Metalurgia Nacional, ainda não está suficientemente apta a enfrentar os altos cometimentos dos últimos progressos da mecânica, pelos seguintes motivos:

(a) O espírito rotineiro e nada aventureiro dos industriais.

(b) O espírito mais mercantilista do que industrial do respectivo patronato.

(c) A falta de matéria prima, que obriga importada encarece a mão de obra nacional.

P. — Devem continuar disseminados pelos diversos pontos do país, ou devem criar-se Centros Industriais próprios?

R. — Se bem que esta Federação, não concorde em absoluto com o espírito centralizador da indústria, é de opinião que tais centros se devem criar nas regiões onde a indústria tenha mais possibilidades de se desenvolver, atendendo não só à facilidade no progresso da alta mecânica, como também às condições climáticas e topográficas dessas regiões.

Apesar da criação desses centros industriais próprios, somos de opinião de que se devem conservar esses pequenos núcleos industriais disseminados pelo país, e isto, pelos seguintes motivos:

Já todos reconhecem a grande influência que a hulha branca tem sobre a economia industrial; por isso, aproveitando a caudal de diversos rios do país, se tem construído diversas fábricas geradoras de força motriz e eléctricas que fornecem, actualmente, da respectiva energia e luz, não só grande número de povoações, como acionam sobre o funcionamento de inúmeras fábricas e oficinas em diversas vilas e cidades.

Quem viajar em caminho de ferro, tanto no alto e baixo Minho, como nas províncias da Beira Alta e Beira Baixa, etc., constatará o facto de, pelas margens dos diferentes rios, aproveitando as suas quedas de águas, naturais ou artificiais, se terem ultimamente construído inúmeras fábricas de moagem de cereais e descasque de arroz, de tecidos, de cimento e cerâmica e de serração de madeiras.

Nestas fábricas, a fim de atenderem às necessidades de reparação dos seus maquinismos, existem pequenas oficinas, que estão habilitadas a promover ou remediar a qualquer falta de momento, não estão todavia habilitadas a trabalhos de maior vulto, e nesse caso semelhantes trabalhos poderão ser executados por esses Núcleos Industriais que mais próximo se encontrarem.

Comem também frizar, que espalhadas por diversas regiões do País já se encontram montadas, inúmeras oficinas metalúrgicas, com o fim de acudir às necessidades do trabalho das especialidades do automobilismo que bastante se tem desenvolvido no País, e por tal motivo, em Braga, Porto, Coimbra etc., já são inúmeras as oficinas de reparação, e até mesmo em Coimbra, e por conta dum Empresa, se está montando uma grande fábrica que segundo o plano traçado, será, não só a maior fábrica metalúrgica do País, como também, um dos maiores centros de reparação e construção de automóveis e caminhões.

Pelo exposto, se reconhece a razão, de no País, e isto ainda por enquanto, aceitar a expansão da indústria, conforme ela se manifesta, atendendo às condições e necessidades das regiões.

Como industrialmente falando, nós temos sempre caminhado na rectaguarda dos outros países, temos pois a obrigação, não copiar de além, o que diz respeito a matéria industrial, mas preservar-nos contra o futuro que nos espera, abraçando o progresso, e empregando os nossos esforços e recursos consoante as nossas necessidades em obediência à nossa situação geográfica, remodelando as condições de trabalho de forma a facilitar os encargos da Revolução Social.

4.ª — Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rodadas, de 2 e 3 peças, tam

pões. Vendem-se no Largo do

Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco

Pereira Lata, (E) a casa que

necesse em melhores condições.

Dúzia 60 centavos

(quando com as imitações)

Venda aos centos e aos mil

heiras, assim como isqueiros, r

das, tubos, pilos e tambores, a

melhores preços para revenda.

Pedidos a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

5.ª — Sucatas

Compram-se por altos preços cobre,

bronze, metal, chumbo, estanho, tipo

de solda e zinco. R. Nova do Carvalho, 18

(junto ao arco pequeno).

6.ª — A etiologia e a terapêutica do cancro

A medicina oficial, pela boca dos seus

mais categorizados representantes, está

revelando a sua impotência, na cura

das várias enfermidades, mas sobretudo

no que tem sido mais infeliz, é no tra-

tamento do cancro.

O número dos cancerosos vai, dia a

dia aumentando consideravelmente e

estes desgraçados, minados pelo terrível

mal, tem os olhos fitos na medicina,

esperançados de readquirirem a sua per-

da saúde, porém, aquela sem saber o

que fazer recorre aos paliativos, pois os

agentes que contra este mal se tem em-

pregado tais como os químicos, a

ciência, os tónicos, incluindo a própria

Cancerologia, do professor Adamkiewicz,

bem como o rádio, nada de positivo

tem feito nem poderão fazer.

A medicina desconhece a etiologia do

cancro, isto é, desconhece as causas pri-

mordias da doença, eis porque todas as

tentativas para a sua cura tem sido

sem êxito, não obstante, se a ciência

médica sáisse do seu rotineirismo, das

suas velhas e empíricas concepções mui-

to já se poderia ter avançado dentro da

etiologia e da terapêutica do cancro,

tal como tem feito a ciência médico-

-natural, que sem exagero será a medi-

cina do futuro.

Toda a terapêutica da medicina oficial

se dirige para o local onde o mal se

manifesta e todo o seu objectivo é

curar as vegetações e as novas forma-

ções, porém, o cancro, zombando de

toda essa terapêutica, vai alterando e

degenerando as células que por sua vez

se transformam em tecido canceroso.

A medicina tem que mudar de rumo e

enveredar por um novo caminho mais

racional, se quiser ser considerada ciência

fútil à humanidade.

É a medicina natural que nos vem

dizer com clareza qual a etiologia e te-

rapêutica do cancro, sistema médico-este,

que está sendo praticado pelos mais

conspicuos homens de ciência.

A natureza-trapaz assente em bases

científicas, pois ela é o resultado dum

estudo profundo da biologia, das leis

naturais e foi o sábio Hipócrates o seu

fundador.

Mas qual é a etiologia do cancro?

Antes de mais nada, acho prudente

sabermos uma coisa se a doença é um

estado particular próprio à vida do ho-

mem.

Segundo um estudo profundo da biologia,

da patologia e da Natureza, conclu-

mos que a doença não é mais do que

um desequilíbrio das normas biológicas,

isto é, a doença é o resultado dum

viço da vida contrária à Natureza.

O homem, desviando-se das leis natu-

rais, criou um sistema de vida que o

impeliu para uma alimentação errada,

que, por sua vez, foi perverter todas as

tendências normais do instinto, tornando

o um viciado, um susceptível à doença.

«A doença é criada e alimentada pelo

próprio homem», Pasteur, Bouchard,

Carlton, Amilcar de Souza.

Alimentando-se de carnes, bebendo

alcohol, fumando, vivendo afastado do

ar e do sol, o homem desvitaliza as cé-

lulas, sobrecarrega o sangue de substâncias

estranhas «tóxicas», colocando assim o

organismo em condições favoráveis

para a cultura dos micróbios, que por sua

vez são uma consequência das fermentações

gastro-intestinais, da degenerescência das

células e da decomposição do sangue.

Por sua vez a medicina, ao pretender

curar as anormalidades orgânicas vai

sobrecarregar de venenos o já desvitali-

zado organismo, preparando-o assim

para as doenças graves tais como a tuberculose

e o cancro.

O cancro, que não é uma doença local,

tal como erradamente a medicina julga

é um efeito das substâncias estranhas,

da degenerescência das células, provenientes

de uma vida e alimentação irracional.

«Seja qual for a parte atacada pelo

cancro, são sempre as substâncias estranhas

que causam as vegetações, as novas

formações e as decomposições em todas

as doenças», Luis Kuhne.

O neo-plasma é um resultado da degenerescência

celular, porém, repito, a doença não é local

mas está na constituição ou mais claramente quando se

manifesta o mal num determinado ponto

do corpo, quer seja um carcinoma, um

epitelioma, sarcoma ou tumor fibroplástico,

apenas a uma corcúscula rhei-

ra a ambos com receio de os acordar; custou-me

não poder abraçá-los ternamente e repetidas vezes; eu



